

# GUIA TRANS PARA OS MEDIA

Um guia inclusivo para profissionais de jornalismo, edição e criação de conteúdo





#### Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)

Esta licença permite, a quem dela fizer uso, distribuir, adaptar, traduzir, modificar e utilizar o material em todos os meios e formatos para fins não comerciais, desde que seja indicada com os devidos créditos. Caso este material seja adaptado ou modificado deve ser licenciado com termos idênticos.

## Guia Trans para os Media

Um guia inclusivo para profissionais de jornalismo, edição e criação de conteúdo

Autoria	<b>Nadya Yurino</b>
Edição	<b>Mags Clarendon</b>
Revisão	<b>Farah Abdi, Dinah Bons, Mags Clarendon, Willemijn van Kempen, Richard Köhler</b>
Design	<b>Dragiša Mioč</b>
Data de Publicação	<b>Setembro 2023</b>

Versão portuguesa pela **Plataforma TransParente**:

Tradução e Apoio à Revisão:	<b>Samuel Maia</b>
Tradução, Edição e Revisão	<b>Andreo Gustavo</b>
Apoio à Revisão	<b>Jéssica Vassalo</b>

#### Citação sugerida

Nadya Yurino (2023) Guia Trans para os Media: Um guia inclusivo para profissionais de jornalismo, edição & criação de conteúdo. TGEU.

Faz o download do relatório em [tgeu.org](https://tgeu.org) ou contacta [tgeu@tgeu.org](mailto:tgeu@tgeu.org).



Perspectivas e opiniões expressadas são no entanto pertencentes em exclusivo à TGEU e não refletem necessariamente as da União Europeia ou as da Agência de Execução Europeia da Educação e da Cultura (EACEA). Tampouco a União Europeia nem a entidade emissora podem ser responsabilizadas por elas.

***A TGEU (Transgender Europe) é uma ONG liderada por pessoas trans, que luta pelos direitos e bem-estar das pessoas trans. A TGEU representa 215 organizações associadas em 50 países na Europa e Ásia Central.***

*Para mais publicações e notícias sobre o bem-estar e direitos das pessoas trans:*



---

# CONTEÚDOS

---

<b>Prefácio da Co-presidência</b>	<b>5</b>
<b>Prefácio de Ativista Local</b>	<b>6</b>
<b>Introdução</b>	<b>8</b>
<b>Como usar este guia</b>	<b>9</b>
<b>Notas essenciais: breve <i>checklist</i></b>	<b>11</b>
<b>Prática</b>	<b>12</b>
Fontes verificadas e contactos	13
<i>Storytelling</i> Inclusivo	15
Nomes e pronomes	17
Factos e opiniões	18
Títulos	19
Ilustrar a história	23
<b>Temas-chave: desafios enfrentados pela comunidade</b>	<b>25</b>
Reconhecimento legal de género	25
Despatologização & Cuidados de Saúde	27
Crimes de ódio de transfobia & discriminação	29
Experiências Interseccionais	31
<b>Desmistificar: Vieses nos Meios de Comunicação Social</b>	<b>34</b>
Mito 1: Ser trans é uma moda	34
Mito 2: Apenas as pessoas que fazem transição médica são trans	35
Mito 3: As pessoas trans estão a apagar (proteções legais para) as mulheres	35
Mito 4: As mulheres trans são uma ameaça no espaço das mulheres	36
Mito 5: As crianças estão a ser forçadas a fazer transição	36
<b>Glossário</b>	<b>38</b>
Termos principais	39
Outros termos importantes	40
Termos a evitar	43
<b>Agradecimentos</b>	<b>45</b>
<b>Referências</b>	<b>46</b>

---

# PREFÁCIO DA CO-PRESIDÊNCIA

---

Ao descobrirmos este guia, é essencial situarmo-nos na riqueza da história da humanidade, que reconhece e celebra a diversidade de género há muito tempo.

O entendimento moderno do género, por norma restringido ao binarismo, contrasta fortemente com as interpretações fluidas das culturas encontradas por todo o mundo, particularmente nas culturas indígenas, desde a Oceânia até às Américas e África.

As histórias pré-coloniais destas regiões apresentam um cenário diverso de identidades de género. Por exemplo, as pessoas denominadas two-spirit (dois espíritos) das culturas indígenas da América do Norte testemunharam a existência de fluidez de género e a harmonia que isso trouxe para as suas sociedades.<sup>1</sup>

Da mesma forma, na Oceânia, abrangendo as suas numerosas ilhas, as narrativas de diversidade de género têm sido fundamentais. Como testemunho da resiliência das identidades não-binárias, as identidades Fa'afafines de Samoa persistem, mesmo após o massacre evangélico que veio com a colonização.<sup>2</sup>

Ainda assim, a colonização e a imposição de crenças religiosas abraâmicas levaram à supressão destas identidades de género tão valiosas. Tal como Gloria Wekker indica, no seu trabalho influente, "White Innocence", os efeitos das histórias coloniais e a sua intersecção com o género e sexualidade moldaram de forma consistente a cultura holandesa e, por extensão, as culturas ocidentais.<sup>3</sup> O apagamento histórico foi intenso, levado a cabo por construções patriarcais e, muitas vezes, imposto por meios religiosos ou por sanções do Estado. Não é possível ignorar o papel dos média neste apagamento enquanto ferramenta do colonialismo e que ainda guia perspectivas atuais. Apesar destes apagamentos sistémicos, a natureza perseverante destas



identidades não-binárias nas culturas indígenas, tais como as identidades Fa'afafine de Samoa, realça a resistência destas tradições.

A perspetiva branca, patriarcal e dominada por homens, que passou a ser vista como a "norma" no ocidente, precisa de ser completamente desafiada. O equilíbrio inerente entre as energias masculinas e femininas, a ilimitada mistura e fluidez, tão aparente nas culturas indígenas, são a prova disso. Prova esta que propõe que rejeitar os modelos binários pode libertar as nossas mentes e oferecer uma liberdade incalculável, em especial para as mulheres, que foram historicamente subjugadas por estas estruturas binárias.

Com este guia, pretendemos demonstrar que criamos espaço ao rejeitar o pensamento rígido binário - espaço para aquilo que o coração quer, para a expressão livre da alma. Ao partilhar este conhecimento, esperamos encorajar jornalistas feministas e progressistas.

Esperamos que este guia vos capacite a defender a igualdade, lutando pela causa com força e convicção na vossa carreira jornalística.

## **Dinah Bons**

*Dinah Bons é Co-presidente da Direção da TGEU, presidente da ESWA, Trans United Europe, faz parte da H team, em Amsterdão e é atriz e estratega criativa para a Female Economy.*

---

# PREFÁCIO DE ATIVISTA LOCAL

---

Neste prefácio, ecoam as vozes das identidades transvestigêneres\*, aquelas que historicamente foram silenciadas, invisibilizadas e marginalizadas.<sup>37</sup> Este guia é mais do que uma ferramenta para a mídia (*Media*); é um grito, um chamado para a descolonização de gênero, e um convite à compreensão interseccional das nossas complexas realidades.

Parafraseando Gloria Anzaldúa, vivemos nas “terras fronteiriças”, espaços onde se cruzam culturas, gêneros e identidades.<sup>38</sup> Estamos constantemente navegando entre mundos, desafiando as fronteiras impostas pelo colonialismo e pelas normas de gênero. É nessa intersecção que encontramos uma reserva de força coletiva, uma resistência multifacetada e a capacidade de promover transformações sociais profundas.

Seguindo o caminho trilhado por bell hooks, afirmamos que a descolonização é necessária para que os oprimidos comecem a falar uma linguagem da própria experiência. Rejeitamos as narrativas impostas e as etiquetas restritivas. Em vez disso, reivindicamos nossa própria voz, nossa própria história, e nosso próprio ser.

“Quando preciso dizer palavras que fazem mais do que simplesmente refletir ou abordar a realidade dominante, falo em vernáculo negro. (...) Pegamos a língua do opressor e a transformamos contra si mesma. Tornamos nossas palavras um discurso contra-hegemônico, libertando-nos na linguagem.”<sup>39</sup> Inspirades pela visceralidade de Camila Sosa Villada, recusamos a higienização de nossa existência. As



teorias e etiquetas importadas do Norte não podem encapsular a totalidade de nossas experiências.

“No cemitério onde estão enterradas tantas travestis anônimas... algo dessas vidas passadas pulsava. Encontramos a palavra ‘travesti’ debaixo de teorias primeiro-mundistas, de livros e mais livros de medicina, psiquiatria e psicologia, debaixo de poéticas que nunca roçaram os nossos mistérios”<sup>40</sup>

A narrativa de Villada expõe uma realidade crua e muitas vezes ocultada sob teorias e concepções distantes das nossas experiências diárias. Suas palavras ecoam o silêncio imposto às vozes transvestigêneres, um silêncio que Spivak (1988) identifica como subalternização, processo pelo qual grupos marginalizados são silenciados e excluídos das esferas de poder.<sup>41</sup> Este guia busca ser um eco dessas vozes, transformando silêncio em discurso e invisibilidade em presença. Ao valorizar as trans-epistemologias, abrimos caminhos para que as identidades transvestigêneres sejam plenamente ouvidas, reconhecidas e retratadas, não somente como sujeitas de estudo, mas como criadoras de conhecimento e cultura.

---

“Em meio aos destroços, as pessoas trans aproveitaram o momento para produzir conhecimento sobre os fenômenos transgênero de uma forma pós-moderna. Lutamos para chegar a lugares de fala, reclamamos a nossa voz como uma vingança, dissemos quem éramos e irrompemos no discurso.” <sup>42</sup>

Ao abraçarmos este guia, reafirmamos o papel vital dos meios de comunicação na construção de narrativas que celebrem a diversidade e combatam a discriminação. Cada história contada, cada imagem compartilhada, contribui para uma visão mais inclusiva e justa da humanidade. Este guia é um passo nessa jornada, inspirando profissionais da comunicação a serem aliadas na luta por um mundo onde todas as identidades são respeitadas e valorizadas.

## **Freda Paranhos**

*Freda Paranhos, brasileira, atua como dramaturga, roteirista e pesquisadora transfeminista. Trabalha com produção cultural da população migrante na Associação Casa do Brasil de Lisboa e é presidente da TransParadise, uma associação dedicada à defesa dos direitos de pessoas transvestigêneres migrantes, que também promove o empoderamento e a expressão artística dessas pessoas.*

*\*Nota: O termo “transvestigênera” foi criado por Indianarae Alves Siqueira, uma ativista trans brasileira. O termo “transvestigênera” inclui as identidades trans, travesti, transexual, transgênero, agênero e intersexo, representando um espectro amplo de identidades de gênero.*

---

# INTRODUÇÃO

---

As esperanças e perspetivas sobre o mundo mudaram diversas vezes desde o lançamento do Guia para Jornalistas da TGEU, em 2015. O lançamento do presente guia enquadra-se no contexto de uma pandemia global, políticas polarizadas, uma guerra imperialista na Europa, uma crise económica e ambiental e também num aumento global da revolta totalitária e anti igualdade.

Entre estes acontecimentos, foi possível notar uma resiliência incrível por parte das comunidades trans, afetadas pelo isolamento e contextos de violência, com uma nova geração de pessoas trans e não-binárias que se mostram abertamente, solidariedade interseccional, com avanços relativos aos direitos legais e o aumento da representação nos meios de comunicação social. Isto traduz-se numa demonstração notável do avanço dos direitos humanos a nível global.

Ainda há muito trabalho a fazer de forma a garantir os direitos humanos básicos para muitas pessoas trans e não-binárias. Trabalho este que começa com a desmistificação de medos, que exige uma investigação bem fundamentada e que garanta que o público em geral entenda a necessidade de proteger pessoas trans contra a violência e discriminação.

Acreditamos na força do jornalismo de qualidade enquanto instituição de combate à propaganda e à disseminação propositada de informação enganosa, acreditamos em conhecimento baseado em evidência e em narrativas humanas para amplificar as vozes dos grupos de pessoas mais vulneráveis na fronteira dos direitos humanos – os direitos de pessoas trans.



---

# COMO USAR ESTE GUIA

---

Este guia foi criado para profissionais de jornalismo, edição e criação de conteúdo. Contém conhecimentos sobre jornalismo informado e representação inclusiva de pessoas trans e não-binárias. Está dividido em cinco partes fundamentais:

1. **Notas essenciais: Breve checklist** – um resumo de todas as recomendações, que podem ser utilizadas à parte deste guia.
2. **Praticar** – um guia prático sobre como relatar histórias sobre pessoas trans e não-binárias, com respeito e ética. Esta parte também contém referências fiáveis de **fontes de dados verificados e contactos** de comunidades ativistas e de organizações de direitos humanos mais relevantes.
3. **Temas-chave** – material introdutório sobre questões-chave que as comunidades trans enfrentam.
4. **Desmistificar** – uma visão geral de mitos nocivos reforçados através dos meios de comunicação social (*media*) com base em desinformação. São fornecidos factos reais, baseados em dados e evidência.
5. **Glossário** – termos importantes, adotados por organizações civis e jornalistas com conhecimento sobre a temática trans.

*Este guia reúne recomendações e informações provenientes de outras publicações, bem como linhas de orientação fornecidas por organizações civis e associações. Os guias que serviram de inspiração e ajudaram à construção deste documento foram os guias da Trans Journalists Association, ILGA-Europe, GLAAD, Transgender Equality Network Ireland, TransInterQueer e. V, Trans Media Watch e Transgender Network Switzerland. O guia foi criado em colaboração com entidades associadas da TGEU. As perspetivas de organizações e de ativistas trans locais foram incluídas de modo a representar as vozes da comunidade.*

# NOTAS ESSENCIAIS: BREVE CHECKLIST

## Entrevistar e citar

- Pergunte, não assuma! Quando em dúvida sobre termos - pergunte educadamente ou verifique o glossário.
- Fale com organizações que representam a comunidade.
- Tenha em atenção e compreenda o uso de pronomes. Apresente-se e indique os seus pronomes quando interagir com alguém.
- Use sempre os termos descritivos de acordo com as preferências da pessoa.
- Não mencione o nome morto ou revele a identidade (*outing*) da pessoa. Não revele nomes antigos ou os géneros das pessoas sem o seu consentimento.
- Inclua e amplifique as vozes trans com experiências e perspectivas interseccionais.
- Recolha comentários de fontes que representem a comunidade. Procure por fontes especializadas no tópico em questão (i.e: prestadores de serviços de saúde trans para uma reportagem sobre cuidados de saúde para pessoas trans).
- Verifique as suas citações antes de publicar.

## Fontes verificadas

- Aprofunde os conhecimentos sobre o tópico, investigue e procure factos confirmados nos quais se possa basear.
- Verifique fontes de dados confiáveis.
- Tenha a certeza que está a falar com a organização ou pessoa mais indicada e que representa a comunidade.
- Pergunte-se: Quais são as identidades que se interseccionam das pessoas com que interagimos? Quem falta?
- Verifique os factos antes de publicar.

## Reportagens éticas

- Reflita no seu papel enquanto profissional de edição ou repórter no processo do desenvolvimento dos direitos humanos.
- Entenda que nenhuma experiência, trans ou não-binária, é a mesma, e que a comunidade trans é muito diversa.
- Evite medicalizar experiências trans. Uma identidade trans não está dependente de procedimentos médicos.
- Considera necessário ou apropriado mencionar o historial médico de uma pessoa trans?
- Evite utilizar linguagem ofensiva e certifique-se que entende os significados de cada termo e do uso da linguagem.
- Evite perspetivas e títulos sensacionalistas. Use apenas informações baseadas em factos.
- Não determine que as suas suposições são verdade. Pergunte-se: Será que refleti criticamente sobre as minhas atitudes, crenças e vieses, e como estes influenciam as minhas ações e opiniões?

---

***PRÁTICA***

---

# FONTES VERIFICADAS E CONTACTOS

**A TGEU está sempre disponível para fornecer dados firmes e perspetivas vindas da comunidade. Pode contactar-nos através de [comms@tgeu.org](mailto:comms@tgeu.org).**

## DADOS VERIFICADOS

- O **Trans Right Index & Map** (Mapa e Indicadores dos Direitos Trans) da TGEU fornece um mapa legal abrangente dos direitos das pessoas trans na Europa e Ásia Central, é atualizado anualmente desde 2013 para o *Dia Internacional contra a Homofobia, Bifobia, e Transfobia (IDAHOBIT)* que se celebra a 17 de Maio.
- O **Trans Health Map** (Mapa da Saúde Trans) da TGEU mostra a disponibilidade e acessibilidade de cuidados de saúde específicos para pessoas trans nos 27 Estados-membros da UE.
- O **Trans Murder Monitoring** (Monitorização de Homicídios contra pessoas Trans) é um projeto da TGEU que recolhe, monitoriza e analisa, sistematicamente, assassinatos contra pessoas trans e de género diverso. É atualizado anualmente desde 2008 para o *Dia da Memória Trans (TDoR)*, a 20 de novembro.
- A **Rainbow Europe** (Indicadores de igualdade LGBTI) da ILGA-Europe oferece uma visão abrangente dos direitos humanos das pessoas LGBTI na Europa.
- A **European Union Agency for Fundamental Rights (FRA) (Agência dos Direitos Fundamentais (FRA) da União Europeia)** gere e analisa um dos maiores questionários sobre pessoas LGBTIQ da Europa.
- Os **Resources for Media Professionals** (Recursos para profissionais dos meios de comunicação) é uma coleção de recursos e informações úteis, feito pela GLAAD.
- O **Trans Discrimination in Europe** (Discriminação Trans na Europa) é um relatório da TGEU que contém dados sobre o questionário “EU Fundamental Rights Agency LGBTI II survey”, um dos maiores questionários sobre pessoas LGBTI da Europa.
- **‘Intersections: Diving into the FRA LGBTI II Survey Data: Trans and non-binary briefing’** (Intersecções: Mergulhando nos dados do Questionário LGBTI II da FRA: pessoas Trans e Não Binárias - Resumo) é um relatório conjunto feito pela ILGA-

Europe e pela TGEU que verifica o impacto do cruzamento das opressões interseccionais das experiências trans na UE.

- O **Standards of Care for Transgender and Gender Diverse People, Version 8 (SOC8)**, (**Normas de Cuidados de Saúde para Pessoas Transgénero e de Género Diverso, versão 8 - SOC8**), é um guia reconhecido a nível global quanto aos cuidados de saúde trans.

## CONTACTOS ÚTEIS

- A **Local Trans Organisations in Europe & Central Asia** (Organizações trans locais na Europa e Ásia Central) é uma lista da TGEU de organizações associadas focadas por, ou lideradas por, pessoas trans na Europa.
- A **World Professional Association for Transgender Health (WPATH)** (Associação Mundial Profissional para a Saúde Transgénero - WPATH) é uma associação de profissionais de cuidados de saúde que se dedica à saúde trans.
- A **European Professional Association for Transgender Health (EPATH)** (Associação Profissional Europeia para a Saúde Transgénero - EPATH) é uma associação de profissionais de cuidados de saúde na Europa que se dedica à saúde trans.
- A **Global Action for Trans Equality (GATE)** (Ação Global para a Igualdade Trans - GATE) é uma organização de defesa dos direitos humanos que trabalha para a justiça e igualdade para as comunidades trans, de género diverso e intersexo.
- A **ILGA-Europe** (ILGA-Europa) trabalha com cerca de 700 organizações membros LGBTI na Europa e Ásia Central para a defesa de mudanças sociais, políticas e legais.
- A **Organisation Intersex International Europe (OII Europe)** (Organização Internacional Intersexo Europa - OII Europe) é uma organização abrangente para organizações de direitos humanos e lideradas por pessoas intersexo.
- A **Trans Journalists Association** (Associação de Jornalistas Trans) promove a cobertura mediática de questões de pessoas trans e das suas comunidades de forma exata e apoia jornalistas que expandem a dimensão de género nos seus locais de trabalho e nas suas carreiras.

---

# STORYTELLING INCLUSIVO

## O BÁSICO DA INCLUSÃO

Muitas pessoas podem ainda não conhecer uma pessoa trans.<sup>4</sup> Isto torna as suas realidades facilmente manipuláveis e leva a que aconteçam equívocos. Estas situações podem não ser propositadas, no entanto, são prejudiciais e podem colocar as pessoas trans em situações muito perigosas. Quem trabalha como jornalista tem a oportunidade e a responsabilidade acrescida de realmente ajudar a clarificar estas questões.

**Relate sobre as pessoas trans, não binárias e de género diverso como pertencentes à sociedade**, como parte de um todo, em vez de as colocar de fora, apenas como algo a observar. As pessoas LGBTI são um grupo minoritário dentro das nossas sociedades, mas não são “a outra parte” da sociedade.<sup>5</sup>

***Na sua reportagem ou peça jornalística, utilize linguagem que todas as pessoas compreendam e que inclua todas as pessoas.***

Se ser trans não é algo relevante para a história, especialmente se a pessoa pretende manter em privado a sua identidade trans, isto não deve ser revelado.

## FALE COM PESSOAS TRANS ACERCA DE PESSOAS TRANS

***As pessoas trans são especialistas nas experiências e vidas trans. As suas vozes devem ser o foco da reportagem.***

Ao reportar/relatar uma história sobre questões trans, as pessoas trans devem ser entrevistadas e mencionadas como **especialistas e não apenas como intervenientes**.

As pessoas trans são quem lidera, por norma, as investigações sobre comunidades trans. Ao reportar sobre questões trans, **dê prioridade a estudos e investigações feitos pela comunidade**.

Tal como quando menciona especialistas, indique o nome completo (caso a pessoa concorde) e quaisquer títulos ou formas de tratamento (por exemplo Dr.) como faria para outras pessoas especialistas, e mencione a sua afiliação a organizações (se for o caso).

## CONTRATE JORNALISTAS TRANS

***Devido às suas experiências, repórteres trans têm uma melhor e mais vasta compreensão das questões trans e de género do que repórteres cis.***

---

Jornalistas trans também têm acesso mais facilitado às comunidades trans e conseguem mais facilmente obter a confiança destas fontes, o que resultará numa reportagem mais sólida. As redações, estúdios de televisão e rádio devem fazer melhor e dar prioridade à diversidade. É necessário incluir as pessoas trans nessa diversidade.

## PROCURE OUTRAS PERSPETIVAS

**Não seja sensacionalista.** Já refletiu sobre a questão de que as pessoas trans que sofrem de transfobia podem, por exemplo, ser bastante proativas e capazes de procurar formas de combater este problema?

**Não procure apenas a perspetiva de vítima quando reportar uma situação complicada.** É claro que deve representar, por exemplo, a forma como as forças anti-LGBTI afetam a vida diária das pessoas trans e não binárias, no entanto, é também necessário proporcionar a sensação de que as pessoas trans vivem as suas vidas na sua melhor versão e/ou que tomam ações positivas neste contexto.

**Cubra as histórias de pessoas trans e os eventos que ocorrem nas suas vidas que não sejam só más notícias: Existem imensos desenvolvimentos positivos liderados pelo ativismo e defesa de direitos!**<sup>5</sup>



*“Há uma tendência alarmante para sensacionalizar a comunidade transgénero. As equipas de produção por vezes compensam pessoas transgénero famosas a aparecerem nos seus programas, o que resulta numa distorção de limites éticos. Com muita frequência, os pronomes das pessoas entrevistadas são referidos de forma incorreta por jornalistas, as conversas são levadas para tópicos explícitos e outros contextos importantes são negligenciados. Todavia, estas discussões não são bem sucedidas no que toca a mostrar as nuances do trabalho sexual, incluindo questões como exploração vs. autonomia, desafios e potenciais soluções. O objetivo principal torna-se o de criar um espetáculo de entretenimento, retratando as pessoas trans de uma forma prejudicial no panorama mediático.”*

**Beka Gabadadze**

TEMIDA, pessoa associada da TGEU



---

# NOMES E PRONOMES

**A regra é simples: respeite os desejos das pessoas** relativamente à forma como querem ser retratadas. Pergunte o nome e quais os pronomes a utilizar, ou quais pretende que sejam utilizados nos meios de comunicação que, por motivos de segurança, podem diferir. Se não for possível perguntar (por exemplo, quando se escreve sobre crimes de ódio) procure a informação exata através de pessoas da comunidade trans ou outras fontes. Se não encontrar informações, por favor *evite utilizar linguagem com marcas de género*.

**Nunca use ou revele o nome de nascimento de uma pessoa trans (nome morto - deadname)** sem o seu consentimento explícito. É problemático, por diversas razões, supor que o nome de uma pessoa é aquele que lhe é atribuído ao nascimento. Esta suposição não respeita a privacidade das pessoas trans e pode colocá-las em situações perigosas.

## PRONOMES NEUTROS (DE GÉNERO NEUTRO)

**Algumas pessoas trans podem não utilizar pronomes com género**, ele/dele ou ela/dela, e em vez disso podem utilizar pronomes neutros\*.<sup>6</sup> Do mesmo modo, algumas pessoas trans não utilizam formas de tratamento com marcas de género como Sr. ou Sra. mas sim uma forma de tratamento neutra\*. Quando tiver dúvidas, pergunte quais os pronomes e formas de tratamento que a pessoa utiliza.

**Nem todas as pessoas não binárias utilizam pronomes neutros** – muitas utilizam ele/dele, ela/dela ou neo-pronomes\*. Utilizar pronomes de género neutro para se referir a uma pessoa que apenas utiliza pronomes masculinos ou femininos é incorreto e muitas vezes insensível. Do mesmo modo, nem todas as pessoas que utilizam o pronome ele/dele são homens e nem todas as pessoas que utilizam ela/dela são mulheres. Tenha o cuidado de utilizar os pronomes apropriados para todas as pessoas, tanto na cobertura de notícias como nas interações em reportagem.

*\*nota: Os pronomes neutros usados em português variam consoante a preferência da pessoa. Podem ser usados diferentes sistemas de linguagem neutra e não binária, com pronomes como eles/deles, elu/delu, ile/dile, el/del, eli/deli, etc. Muitas pessoas trans ou não binárias que usam pronomes neutros preferem não usar títulos ou formas de tratamento. Aquelas que usam formas de tratamento com marcas de género neutro podem usar neopronomes portugueses ou até estrangeiros. Os neopronomes nas formas de tratamento variam consoante o sistema de linguagem usado. Não nos cabe neste guia indicar todas as formas possíveis.*

**Um neo-pronome é um pronome português na terceira pessoa do singular, neutro em termos de género e que não se refere a eles/deles\* (they/them em inglês).** Os exemplos incluem: *ze/hir, xe/xer e ey/em* em línguas estrangeiras, e *el/del, elu/delu, ile/dile, eli/deli*, entre outros,

---

em português. Não é apropriado substituir automaticamente os pronomes eles/deles (*They/them* em inglês) por neo-pronomes, pois algumas pessoas trans utilizam os neo-pronomes em conjunto com pronomes mais comuns tais como eles/deles (*they/them*). Se não tiver a certeza como se pronuncia ou se utiliza um neo-pronome, pergunte; existem algumas variações entre neo-pronomes com sons semelhantes.

**Não há razões para explicar o uso dos pronomes como ele/dele, ela/dela e eles/deles\* (*they/them*).** Quando alguém utiliza pronomes menos comuns, é aceitável que se coloque uma breve explicação positiva sobre estes: *Taylor, que usa os pronomes ile/dile, esteve presente no evento.*<sup>7</sup>

## FACTOS E OPINIÕES

### COMO EVITAR A DESINFORMAÇÃO

**Certifique-se que está a falar com a pessoa ou organização certa.** Se procura comentários pessoais, verifique o *background* das pessoas ativistas antes de assumir que são especialistas no assunto ou que representam o coletivo. É cada vez mais comum encontrar organizações que se disfarçam como grupos de defesa dos direitos humanos, tais como centros de crise na gravidez, quando na verdade defendem movimentos que se opõem a esses direitos. Procure e examine se a organização trabalha com grupos que sejam semelhantes para poder verificar se é legítima.

Além disso, ainda que seja importante incluir pessoas trans enquanto fontes, quando reportar sobre questões trans, **certifique-se que as fontes que contacta são especialistas.** Não inclua comentários de pessoas que dizem representar os interesses da comunidade, mas que não têm qualquer historial de ativismo e que fazem comentários que partem apenas das suas perspetivas pessoais. Mesmo que tenham bastantes seguidores nas redes sociais.

Veja a lista de fontes credíveis na secção de **Fontes verificadas e contactos.**

### COMO FALAR COM AS PESSOAS QUE FAZEM PARTE DA COMUNIDADE

Quando abordar uma pessoa, **apresente-se, apresente o órgão de comunicação para que trabalha e a perspetiva da história que pretende cobrir.** Pessoas ativistas são alvo de ameaças constantes. Deve indicar-lhes informação suficiente para que pesquisem sobre si, para que possam saber que é de confiança. Inclua os seus pronomes na sua apresentação para criar um espaço seguro e confortável.

Por norma, ativistas são pessoas capazes de fazer muito com poucos recursos, **em especial**

---

**durante uma crise, que é quando jornalistas ou emissoras de rádio mais procuram falar com estas.** Nestas alturas, seja sensível ao facto de que a sua capacidade pode estar mais fragilizada do que o habitual ou podem não estar disponíveis.

Tenha em consideração que quando as pessoas LGBTI falam publicamente sobre as suas identidades, muitas das vezes falam intimamente sobre parte das suas identidades. Isto **coloca-as numa posição vulnerável e em risco de potencial discriminação** no futuro.

Quando entrevistar uma fonte trans, pergunte quais os pronomes que devem ser publicados. Algumas fontes podem pedir que utilize pronomes diferentes para a publicação em vez dos que utilizam em pessoa. Respeite este pedido. **Pode ser uma questão de segurança.**<sup>7</sup>

## COMO VERIFICAR FACTOS

Ao procurar dados que corroborem com a sua história, existem muitos locais por onde pode começar. **Organizações trans, de direitos humanos e LGBTI em geral**, assim como organizações como o Concelho da Europa, a Comissão Europeia, e a Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia publicaram estudos e investigações acerca de pessoas trans.<sup>8,9,10</sup> Não minimize a importância de entrar em contacto com organizações locais, e volte a falar com quem entrevistou para verificar as citações a serem utilizadas na história.

## TÍTULOS

Por norma, é necessário simplificar e economizar espaço, mas os títulos podem arruinar uma história. As notícias online têm a vantagem de permitir títulos mais longos. Devem ser evitados os títulos sensacionalistas que usam frases como “mudança de sexo”, “nasceu homem” e “tornou-se homem”.

### TÍTULOS SENSACIONALISTAS A EVITAR:

***Kathleen Stock: “Não importa o que eu disser, serei sempre uma vilã para as pessoas trans”***

Coloca as pessoas trans como bode expiatório e como sendo inflexíveis.

---

## ***Estamos a ser pressionadas por mulheres trans a fazer sexo com elas***

Isto é factualmente errado, conforme evidenciado pela própria editora, BBC, ao considerar que este artigo viola as suas “leis editoriais relativas à falta de clareza nas estatísticas da sondagem de Get The L Out e pelo título, que dá a entender que o artigo se foca na pressão por parte das mulheres trans.”<sup>11</sup>

## ***Um terço da população britânica não sabe que as mulheres transgénero nasceram homens***

Em vez de relevar a questão de que um terço da população britânica não sabe o que significa o termo transgénero, este título sensacionaliza os corpos trans como sendo algo estranho.

## ***Como a Ideologia trans veio para a terapia***

Ser trans não é uma ideologia, é uma identidade, cujo movimento pretende aumentar os direitos das pessoas trans.

## ***Transplantes de útero significam que “nos próximos 10 anos” homens biológicos podem engravidar***

Este artigo coloca de imediato o foco nas mulheres trans, sendo que logo em seguida as chama de “homens biológicos”. Substituir esta parte da frase com o termo “mulheres trans” seria mais verdadeiro para com o conteúdo deste artigo e mostraria mais respeito.

---

## TÍTULOS QUE ACERTAM, OU QUASE

### ***Como o cenário do Metal no Reino Unido se tornou num refúgio para as pessoas trans***

Um título que não é sensacionalista e usa termos que respeitam as pessoas trans.

### ***Jornalista Juliet Jacques fala sobre como os órgãos de comunicação do Reino Unido estão a tentar “esmagar” as pessoas trans: Não conseguimos controlar***

Este artigo destaca o tópico e dá visibilidade às vozes trans que são citadas num artigo sobre desafios de pessoas trans.

### ***Crianças transgénero têm uma boa saúde mental quando lhes permitem ser elas mesmas***

Artigo claro, informativo, que utiliza linguagem correta e sem causar medos.

### ***“É como vestir uma armadura”: Como o vestuário pode causar sentimentos de euforia nas pessoas trans***

Um título que não é sensacionalista, focado na informação positiva, mas que deixa escapar a oportunidade de transmitir a diversidade de experiências trans.

---

## ***À medida que as leis anti trans atacam as pessoas nas prisões, algumas avisam que “vem aí tempestade”***

Este artigo traz um foco interseccional e destaca o problema.

## ***Remo Inglês: Mulher transgénero foi banida de competir na categoria das mulheres***

Este artigo conta os factos sem recorrer a informação subjetiva.



*“As histórias mais impactantes destacam a partilha de desafios, barreiras e opressões. As pessoas trans e as pessoas de cor partilham as inseguranças de não terem habitação; as pessoas trans e as famílias de baixos rendimentos sofrem piores cuidados de saúde. Criar estas ligações numa reportagem retira a narrativa do “nós e eles” e apela aos valores e experiências em comum.”*

***Cleo Madeleine***

*Gendered Intelligence, pessoa associada da TGEU*

---

# ILUSTRAR A HISTÓRIA

Assim que a história está terminada e pronta para ser publicada, um dos principais desafios que permanece é como vai ser ilustrada com fotografias e imagens. Como uma simples orientação, é muitas vezes desnecessário mostrar fotografias do antes e depois de uma pessoa trans.

- Imagens clichê que retratam ideias superficiais das pessoas trans devem ser evitadas. Estas são as fotografias que se focam em mulheres trans a vestir-se, maquilhar-se, fotos aproximadas (close up) de saltos altos e de uma pessoa a olhar-se ao espelho.
- Não use imagens de *drag queens* nas marchas de orgulho, ou imagens que se focam em marcas aparentes de que alguém pode ser trans, tais como as marcas de barba por fazer.
- Utilize apenas imagens de pessoas trans trabalhadoras do sexo se a história for sobre pessoas trans trabalhadoras do sexo.
- Evite, igualmente, o uso de fotografias de pessoas trans famosas quando estiver a ilustrar histórias que não são sobre elas.
- Da mesma forma, evite o uso de fotografias de personagens trans em filmes, se o artigo não é sobre o filme.

***Fotografias de ativistas trans no seu dia-a-dia, no trabalho, numa marcha trans ou da bandeira trans podem ser usadas.***

Fonte: Unsplash





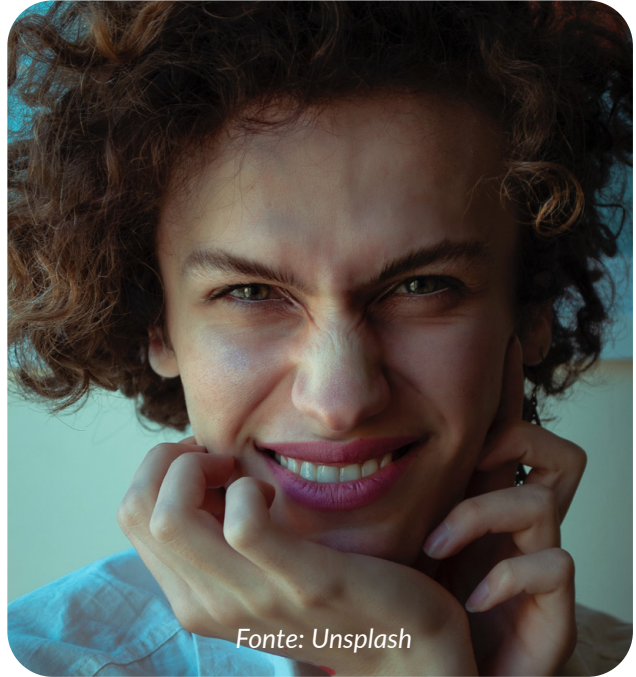
Fonte: The Gender Spectrum Collection



Fonte: The Gender Spectrum Collection



Fonte: Unsplash



Fonte: Unsplash



Fonte: Unsplash



Fonte: Unsplash

A coleção **The Gender Spectrum Collection** é um projeto de imagens gratuitas que ajuda os meios de comunicação a retratar as pessoas transgênero e não binárias de formas que vão além dos clichês.

Para ler:

1. [Empowering photos and videos of the LGBTI movement must be sourced ethically, too. Here's why](#)
2. [The Gender Spectrum Collection guidelines](#)



---

# TEMAS-CHAVE: DESAFIOS ENFRENTADOS PELA COMUNIDADE

---

## RECONHECIMENTO LEGAL DE GÉNERO

*Muitas pessoas trans enfrentam problemas no seu dia-a-dia porque o género legal que consta nos seus documentos oficiais de identificação não corresponde à sua identidade de género.*

**Reconhecimento legal de género (RLG)** – procedimentos oficiais para modificar o marcador de género de uma pessoa em documentos ou registos oficiais, tais como certidões de nascimento, cartões de identificação, passaportes ou cartas de condução. Em alguns países, é impossível ter o seu género reconhecido legalmente. Em outros países, o procedimento é moroso, difícil e humilhante.

Estes problemas, contudo, não são meramente administrativos, mas podem tornar-se uma fonte repetida de assédio, suspeitas infundadas e até mesmo violência. É por isso que as pessoas trans (e algumas pessoas intersexo) precisam que os procedimentos oficiais adaptem o seu nome e/ou

---

marcador de género nos cartões de identificação e em registos importantes (reconhecimento legal de género). Estes procedimentos administrativos devem ser rápidos, transparentes e acessíveis, com base na identidade de género autodeterminada pela pessoa - comumente referida como autodeterminação. Com isto, muitas pessoas trans conseguem viver as suas vidas de forma digna.

O reconhecimento legal de género não é um direito adicional ou extravagante, mas para muitas pessoas trans **é a porta de entrada para aceder aos seus direitos fundamentais, tais como educação, emprego, habitação, saúde, capacidade de viajar, e o direito ao voto e à participação em sociedade.** Na maioria dos países da Europa, era necessário que as pessoas trans fizessem esterilização, mantivessem um diagnóstico de doença mental e se divorciassem (caso fossem casadas) – muitas vezes contra a sua vontade expressa.<sup>12</sup> Adicionalmente, até mesmo em países onde mudar o marcador de género é possível, **são raras as opções para pessoas não-binárias ou pessoas intersexo trans cujo género não se reflete em opções binárias.**

**Procedimentos de reconhecimento legal de género céleres, transparentes e acessíveis, baseados na autodeterminação são essenciais para que um país garanta as suas obrigações relativas aos direitos humanos,** como confirmado pela Comissão da UE, pelo Parlamento Europeu, pela Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, e pela Comissão para os Direitos Humanos do Conselho da Europa.<sup>9 13 14 15</sup> Atualmente, a esterilização forçada ainda é um requerimento em 11 países e o divórcio forçado em 19 países da Europa e Ásia Central.<sup>12</sup> Ainda que diga respeito a uma minoria na sociedade, o reconhecimento legal de género é uma componente importante de uma sociedade democrática saudável e funcional.

#### A considerar:

- Como se compara o reconhecimento legal de género no seu país à legislação de outros países na sua região? Se o seu país permite o reconhecimento legal de género, esse baseia-se na autodeterminação ou ainda requer um diagnóstico de saúde mental?
- Existe alguma opção para um terceiro marcador de género ou não existe um marcador de género para pessoas não-binárias e pessoas intersexo?
- Existe a intenção de modificar o procedimento do reconhecimento legal de género num futuro próximo, e se não, porquê?
- Quem são as organizações e/ou ativistas que defendem mudanças ao nível da lei? Porque querem essas mudanças?
- Quem luta contra o reconhecimento legal de género ou leis baseadas na autodeterminação e qual é a sua motivação? Os receios e riscos, alegadamente relacionados a reformas, materializaram-se noutros países?

- 
- Quem são as organizações e/ou ativistas que tiveram sucesso na implementação dessas mudanças legais? Quais são os próximos desafios a enfrentar?
  - Qual a importância, para a comunidade trans, que o reconhecimento legal de género seja acessível? Porque é importante que seja possível, legalmente, a autodeterminação de género?
  - Que países já alteraram, para melhor, a sua legislação, e de que forma isso alterou as coisas para a comunidade trans?
  - De que forma, a falta de uma legislação de reconhecimento de género, transparente e acessível, afetou o dia-a-dia das vidas das pessoas trans? Ou como é que a alteração nos procedimentos afetou a vida diária das pessoas trans?
  - O reconhecimento legal de género é igualmente acessível a menores, migrantes e pessoas institucionalizadas? Caso não seja, qual o seu impacto?

**Para mais informações:**

1. [Self-determination models in Europe Practical experiences \(TGEU, 2022\)](#)
2. [Legal Gender Recognition in Europe Toolkit \(TGEU, 2017\)](#)
3. [Trans Rights Index & Map in Europe & Central Asia](#)
4. [10 years of Trans Rights in Europe](#)

## DESPATOLOGIZAÇÃO & CUIDADOS DE SAÚDE

*A saúde mental e física são componentes essenciais do bem-estar e, neste contexto, as pessoas trans não são diferentes do resto da população. Tal como qualquer pessoa, requerem uma abordagem individualizada e holística de cuidados de saúde.*

Redigir sobre a saúde de pessoas trans não deve limitar-se à cobertura de cirurgias ou terapia de substituição hormonal — há muitas outras questões que afetam o acesso a cuidados de saúde por parte de pessoas trans (cuidados de saúde sexual e reprodutiva, tratamentos para o VIH, tratamentos para o cancro, etc.).

---

Um dos principais problemas é que ser trans é considerado uma doença mental em muitos países (patologização), apesar da OMS ter atualizado o CID-11 (a décima primeira revisão da Classificação Internacional de Doenças) em 2019 de forma a despatologizar as identidades trans.<sup>16</sup> **A despatologização refere-se à remoção de requerimentos para um diagnóstico de saúde mental para aceder ao reconhecimento legal de género ou a cuidados de saúde específicos para pessoas trans.** Quase todos os países europeus ainda dependem de um modelo patologizante para aceder aos cuidados de saúde trans.<sup>12</sup>

**As pessoas trans também enfrentam discriminação no acesso aos cuidados de saúde.** Muitas pessoas trans evitam profissionais de saúde devido ao medo de sofrer discriminação, à falta de seguros de saúde ou meios económicos e/ou não sabem a quem recorrer.<sup>17</sup> Algumas (mas não todas!) pessoas trans podem desejar aceder a cuidados de saúde trans, incluindo procedimentos hormonais, cirúrgicos, psicológicos ou outros.

**O acesso aos cuidados de saúde para menores é ainda mais difícil** e um tópico de acesos debates. Contudo, cada vez mais organizações internacionais afirmam que os desejos e o bem-estar da criança devem ser priorizados. As Normas de Cuidados de Saúde para pessoas Transgénero e de Género Diverso, versão 8 (SOC-8) referem que as crianças devem ser parte ativa na tomada de decisão sobre os seus cuidados de saúde.<sup>18</sup> Esta publicação também evidencia a importância do acesso a bloqueadores de puberdade para aliviar a angústia associada às mudanças corporais e para dar tempo à criança para que tome decisões sobre os seus cuidados de saúde.

Ao relatar a história, é igualmente importante ter em atenção que nem todas as crianças trans têm responsáveis parentais que as apoiam. **Reportar sobre as opiniões de responsáveis parentais sem consultar a criança pode ser traumático para a criança e levar a um relato erróneo.**

#### **A considerar:**

- É realmente necessário ou apropriado mencionar o histórico da transição médica da pessoa trans ou perguntar-lhe sobre isso? Obter informação semelhante sobre a saúde ou o corpo de uma pessoa cisgénero é relevante para a história?
- Quais os obstáculos que as pessoas trans enfrentam no acesso aos cuidados de saúde em geral?
- Se estiver a relatar sobre jovens trans, que etapas considerou para assegurar-se de que a perspectiva da juventude trans é incluída?
- Quais são as normas de cuidados de saúde trans no seu país? Estas são acessíveis?

- 
- Quais os efeitos de mencionar as identidades trans como doença mental?
  - Que países ignoram a Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde quando se trata de conceder o reconhecimento legal de género ou de definir protocolos de cuidados de saúde trans?

Para mais informações:

1. [Trans Health Map 2022 by TGEU](#)
2. [TGEU on the new Standards of Care 8 for trans and gender-diverse people](#)
3. [TGEU on rollbacks in trans-specific healthcare for youth](#)

## CRIMES DE ÓDIO DE TRANSFOBIA & DISCRIMINAÇÃO

*Um crime de ódio de transfobia é um crime ou incidente no qual a entidade agressora é motivada pelo preconceito, hostilidade ou ódio contra pessoas que transgridem ou divergem das expectativas, ou normas de género dessa entidade agressora. Pessoas cuja identidade de género ou expressão de género vivida difere do papel de género atribuído à nascença, são particularmente afetadas por estes crimes de ódio.*

As pessoas trans, em muitas partes do mundo e por muito tempo, têm sido vítimas de **violência de género grave, repetitiva e sub documentada**, incluindo espancamentos, mutilação, violação, assassinato e outras formas de desrespeito e tratamento impróprio. Entre 2008 e setembro de 2022, a investigação da TGEU documentou 4369 casos de assassinato de pessoas de género diverso e pessoas trans em 82 países, incluindo 188 em 21 países europeus.<sup>19</sup> Contudo, dada a falta de notificação e ao facto de que muitas pessoas trans não podem ou não acedem ao reconhecimento legal de género, estes números ficam provavelmente abaixo do número real de pessoas trans e de género diverso que foram mortas.

Além disso, as pessoas trans ainda são **desproporcionalmente afetadas pela discriminação em todas as áreas da vida, por exemplo, na saúde, educação, emprego, transportes públicos ou**

---

**acesso a bens e serviços.**<sup>17</sup> A discriminação e crimes de ódio têm um profundo impacto não só nas vítimas, como em todo o grupo ou comunidade. Sofrer discriminação ou assédio devido a ser-se trans afeta a qualidade de vida da pessoa.

Relatos sobre assassinatos e crimes de ódio podem muitas vezes re-traumatizar a comunidade, afetando ainda mais pessoas da população. As redações, geralmente usam informação retirada de registos das forças policiais.<sup>20</sup> Na maioria das vezes, isto leva à publicação de nomes mortos e à troca do género autodeterminado (*misgendering*). Ainda que nestes casos seja difícil de obter dados verificados, tome atenção à linguagem usada nos relatórios das forças policiais que possam indicar que alguém é trans, mesmo que não tenham mudado o seu nome ou marcador de género legalmente, tais como frases “homem com um vestido”.<sup>20</sup> Nestes casos, **fontes da comunidade são geralmente a melhor forma de conhecer o nome e pronomes que a pessoa usava, mas lembre-se de que a comunidade está de luto.**<sup>21</sup>

Por outro lado, quando pessoas trans cometem crimes isso torna-se muitas vezes em histórias sensacionalistas que se focam na identidade trans da pessoa, em vez de se focarem no crime. Nestes casos, considere como é que a história seria relatada se a pessoa em questão fosse cis.



*“Se não conseguir chegar à pessoa trans em questão, por razões objetivas, o melhor é tentar contactar os grupos e comunidades trans locais sobre como deveria ser abordado o assunto, ou até mesmo como pode ser traduzido um artigo estrangeiro.*

*Os contributos locais importam – alguma terminologia não é idêntica em todas as línguas e há o risco de usar linguagem nociva caso não tenham sido solicitadas opiniões a grupos locais de pessoas trans.”*

**Ari Kajtezović**  
*pessoa associada da TGEU*

#### **A considerar:**

- Existem proteções que fazem com que seja ilegal a discriminação contra uma pessoa devido à sua identidade de género ou expressão de género no seu país?
- Como é que a proteção explícita de pessoas trans afeta as suas vidas diárias?
- Existem casos por resolver de discriminação na área da saúde, emprego, educação, acesso a serviços públicos?

- 
- O registo sistemático de discriminação tem ajudado a melhorar a situação para as pessoas trans?
  - As forças policiais e governos locais têm os seus próprios métodos para registar crimes de ódio?
  - No caso de assassinato, verificou o nome, pronomes e género da pessoa com outras fontes que não os relatórios policiais?
  - Como é que a comunidade trans é afetada pelos crimes de ódio?

Para mais informações:

1. [TGEU's Trans Murder Monitoring project](#)
2. [TGEU's Anti-Trans Violence research](#)
3. [Relatório TGEU 2020 "A Brief Guide to Monitoring Anti-Trans Violence"](#)

## EXPERIÊNCIAS INTERSECCIONAIS

***A interseccionalidade é a forma como diferentes tipos de discriminação (tratamento injusto em razão do sexo, raça, etc.) estão associados e se afetam mutuamente.***

A interseccionalidade mostra-nos que as identidades sociais funcionam em múltiplos níveis, resultando em experiências, oportunidades e barreiras únicas para cada pessoa. Por isso, a discriminação não pode ser reduzida apenas a uma parte da identidade – cada opressão depende e molda as outras.

**A interseccionalidade não está apenas no centro do movimento pelos direitos trans, mas também do movimento LGBTI mais amplo.**

Este é um movimento largamente iniciado por Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera, mulheres trans negras, que eram também trabalhadoras do sexo. Contudo, isto não é só histórico. As lutas interseccionais, e ativistas cujas múltiplas identidades se intersectam, ainda impulsionam o movimento em várias frentes. No entanto, isso não se reflete normalmente na cobertura mediática, onde pessoas trans brancas e sem deficiência são frequentemente citadas como as únicas fontes, dando pouco espaço para a compreensão das nuances e desafios que afetam as pessoas trans.



*Sylvia Ray Rivera, Marsha P. Johnson numa manifestação pelos direitos gay na Câmara Municipal; Foto por Diana Davies.*

As pessoas trans e não binárias que experienciam formas múltiplas e interseccionais de marginalização, tais como pessoas trans racializadas com deficiência, são desproporcionalmente mais afetadas em termos de discriminação e violência.<sup>19</sup> Estas apresentam também baixos níveis socioeconómicos e de satisfação com a vida comparativamente a outras pessoas trans mais privilegiadas. Em particular, **todas as pessoas com deficiência, racializadas e pessoas intersexo trans reportam, consistentemente, altas taxas de discriminação, violência e mudanças de vida do que as pessoas trans inquiridas no seu geral.**<sup>17</sup>

Nada é estático, o privilégio e as desvantagens são fluídas e influenciadas pelas nossas posições e localizações sociais. Por exemplo, um homem cis negro desfruta de um certo nível de privilégio em comunidades negras, mas assim que essa pessoa migra para comunidades brancas, automaticamente desce da escada do privilégio devido ao racismo.





*“É essencial que os meios de comunicação sejam justos e proporcionais na representação das comunidades em que vivemos, que sejam interseccionais, inclusivos e, mais importante, que incluam e sejam escritos pelas vozes que normalmente não são ouvidas.”*

**Saskhia Menendez**  
*peessoa associada da TGEU*

#### **A considerar:**

- Está a considerar as experiências interseccionais das pessoas trans na história que está a cobrir? Quem está em falta?
- Está a incluir e a centrar as vozes das comunidades trans que são mais marginalizadas, como as de mulheres trans racializadas, pessoas refugiadas e requerentes de asilo, pessoas trans trabalhadoras do sexo, pessoas trans com deficiências, juventude e pessoas idosas?
- Será que as comunidades trans marginalizadas são *tokenizadas* ou expostas a potenciais hostilidades pelo olhar público?
- Será que as pessoas que enfrentam estigma interseccional não são patronizadas?

#### **Para mais informação:**

1. **Intersections: Diving into the FRA LGBTI II Survey Data: Trans and non-binary briefing (ILGA-Europe, TGEU, 2023)**

---

# DESMISTIFICAR: VIESES NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

---

## MITO 1: SER TRANS É UMA MODA

*“As identidades trans são uma moda e as pessoas só o são para estarem na moda.”*

### Factos:

- As pessoas trans não são uma moda ou um fenómeno, mas sim pessoas humanas.
- As pessoas trans existiram em todos os tempos e culturas.
- As pessoas trans foram muito bem documentadas nas sociedades pré-coloniais, onde muitos desses géneros continuam a existir hoje.<sup>22</sup>
- Recentemente, com o aumento da visibilidade e avanços dos direitos das pessoas trans, estas ficaram cada vez mais expostas à violência e discriminação.<sup>23</sup>
- Está devidamente documentado o facto de que o Vaticano inventou o conceito de “ideologia de género” enquanto conceito vazio, sem significado, para consolidar a oposição face ao desenvolvimento progressista na sociedade.<sup>24</sup>

---

## MITO 2: APENAS AS PESSOAS QUE FAZEM TRANSIÇÃO MÉDICA SÃO TRANS

*“As únicas pessoas trans verdadeiras são aquelas que fizeram ‘cirurgia!’”*

### Factos:

- As pessoas trans são pessoas cuja identidade de género difere do sexo atribuído à nascença.
- Muitas pessoas trans decidem modificar os seus corpos, e muitas pessoas trans decidem não o fazer.<sup>10</sup>
- Há diversas razões pelas quais uma pessoa trans não realiza cirurgias, incluindo o custo, limitações físicas e/ou médicas e falta de um sistema de apoio.<sup>17</sup>
- Adicionalmente, algumas pessoas trans simplesmente não pretendem modificar os seus corpos de forma alguma. Isso não as torna menos trans.

## MITO 3: AS PESSOAS TRANS ESTÃO A APAGAR (PROTEÇÕES LEGAIS PARA) AS MULHERES

*“As pessoas trans e as discussões acerca dos seus direitos (ex. reconhecimento legal de género) estão a apagar as mulheres e a enfraquecer a luta pelos direitos das mulheres.”*

### Factos:

- A igualdade de género é importante para as pessoas trans, cujo desejo não é apagar as mulheres.<sup>25</sup>
- Algumas pessoas trans são mulheres.
- As pessoas trans não estão a apagar as mulheres (ou homens) ao existirem e acederem ao reconhecimento legal de género.<sup>25</sup>
- Pelo contrário: proteger os direitos das pessoas trans à autodeterminação está em linha com o direito de qualquer pessoa de decidir sobre a sua identidade e autonomia corporal.<sup>25</sup>
- Os direitos das mulheres e das pessoas trans estão conectados com o direito à autonomia corporal.<sup>26</sup>

---

## MITO 4: AS MULHERES TRANS SÃO UMA AMEAÇA NO ESPAÇO DAS MULHERES

*“Se permitirem que as mulheres trans entrem nos espaços destinados apenas a um sexo (tal como abrigos e casas de banho), as mulheres estarão expostas a predadores.”*

### Factos:

- As mulheres trans são mulheres. Todas as mulheres, incluindo mulheres trans, devem ser protegidas de qualquer violência contra si.
- As mulheres trans enfrentam taxas mais elevadas de violência do que as mulheres cis, violência essa que é maioritariamente perpetrada por homens cis.<sup>23 27</sup> Consequentemente, os homens cis deverão ser o público-alvo de políticas de proteção.<sup>28</sup>
- Excluir as mulheres trans deixa-as vulneráveis e não responde à raiz do problema.<sup>28</sup> Pelo contrário, agrava-o ao expor à exclusão estrutural um grupo particularmente vulnerável de mulheres.

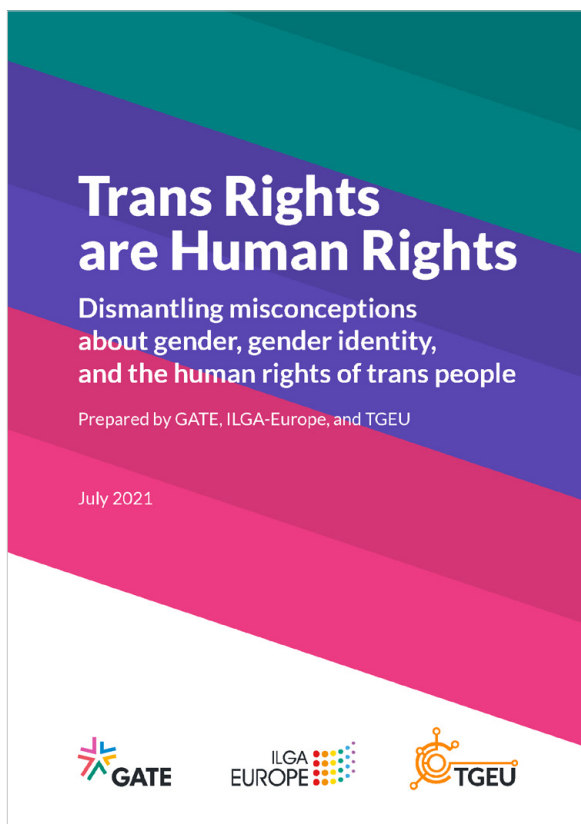
## MITO 5: AS CRIANÇAS ESTÃO A SER FORÇADAS A FAZER TRANSIÇÃO

*“As crianças estão a ser forçadas a fazer transição médica (ex. bloqueadores de puberdade, hormonas ou cirurgias).”*

### Factos:

- Ninguém deve realizar tratamentos médicos contra a sua vontade ou sem dar o seu consentimento totalmente esclarecido.
- As crianças não estão a ser forçadas a fazer transição médica.<sup>29</sup> Não há qualquer razão para a família forçar um processo desses.
- Pelo contrário, muitas crianças passam momentos extremamente difíceis para que as suas identidades e expressões sejam vistas, ouvidas, compreendidas, respeitadas e apoiadas.<sup>30</sup>
- Para todas as pessoas trans, incluindo crianças trans, o consentimento informado é o princípio central nos cuidados de saúde relacionados com a transição.<sup>18</sup>

- A evidência científica prova que respeitar a identidade e expressão de género de uma criança contribui para a sua saúde e bem-estar.<sup>31</sup> A rejeição da identidade e expressão de género de jovens trans por parte de responsáveis parentais está também associada a sofrimento, trauma e outras consequências de saúde (ex. depressão).<sup>32</sup>
- Os bloqueadores de puberdade, que são reversíveis, são uma opção viável que providencia à criança (e responsáveis parentais) mais tempo para compreender o seu género e determinar o correto decurso do seu tratamento futuro.<sup>33</sup>



***Desmistifique mais mitos com dados e factos reais: Trans Rights are Human Rights: Dismantling misconceptions about gender, gender identity, and the human rights of trans people.***

---

# GLOSSÁRIO

---

*A terminologia abaixo pode ser usada aquando da cobertura de histórias e vivências de pessoas trans e não-binárias. Como regra geral, os desejos da pessoa a ser descrita devem ser priorizados e respeitados. Se não sabe como se referir a uma determinada pessoa, pergunte-lhe.*

## TRADUÇÕES E TERMOS CULTURALMENTE ESPECÍFICOS

Tenha em atenção que nem todos os termos são traduzíveis facilmente, e que nem todas as identidades de género diverso se englobam nos termos trans e de não-binariedade, especialmente termos com significados culturais. Por exemplo, o termo travesti, originalmente pejorativo, é muitas vezes traduzido para mulher transgénero. No entanto, este facto ignora as intrínsecas raízes políticas que o termo e identidade tem na Argentina e América Latina. Quando reportar uma história que referencia termos culturalmente específicos, por favor, consulte especialistas da comunidade.

Esta lista não pretende ser uma lista exaustiva de terminologia usada pela comunidade trans. Foi compilada pela TGEU, com influências de:

- [Trans Journalist Association Glossary](#)
- [ILGA Europe Glossary](#)
- [GLAAD Glossary of Terms: LGBTQ](#)

Está também disponível e atualizada online em: [tgeu.org/glossary](https://tgeu.org/glossary).

---

## TERMOS PRINCIPAIS

**Género** — tradicionalmente refere-se ao construto social e cultural de ser homem ou mulher. No entanto, algumas pessoas não se identificam dentro de géneros binários homem/mulher. O género existe independentemente do sexo, e o género de uma pessoa nem sempre corresponde ao sexo que foi atribuído à nascença. (Ver: Identidade de Género, Sexo).

**Expressão de Género** — a manifestação externa do género, expressada através da variedade de indicadores perceptíveis externamente, tais como o nome de uma pessoa, os pronomes, as roupas, o comportamento, etc. A sociedade identifica-os como pistas masculinas ou femininas, ainda que o que seja considerado masculino e feminino varie conforme os tempos e as culturas.

**Identidade de Género** — o senso interno de género de uma pessoa. Para as pessoas trans, o senso interno do seu género não corresponde ao sexo que lhes foi atribuído à nascença. Ao contrário da expressão de género, a identidade de género não é visível para as outras pessoas.

**Não Binário** — um termo abrangente para géneros além de homem ou mulher. Este é também um termo para um género específico. Enquanto o termo não-binário pode ser considerado uma identidade trans, nem todas as pessoas não-binárias se consideram trans. Tenha a consideração que as comunidades indígenas e comunidades racializadas têm outras palavras para descrever a variedade de géneros. Por vezes, estes termos podem ser incluídos sob o termo abrangente de não-binário e por outras não. Consulte sempre com especialistas provenientes dessas mesmas comunidades e com as pessoas que está a entrevistar em relação a esta matéria.

**Sexo** — a classificação de pessoas em macho e fêmea. Ao nascimento, os bebés são atribuídos com um sexo, usualmente com base na aparência da sua anatomia externa. Contudo, o sexo de uma pessoa, como a biologia o define, é uma combinação de características corporais que incluem: cromossomas, hormonas, órgãos reprodutivos externos e internos e ainda características sexuais secundárias. As pessoas cujo sexo não consegue ser classificado como macho ou fêmea são classificadas como intersexo, no entanto essas pessoas podem identificar-se como intersexo, homem, mulher, trans ou outra.

---

**Orientação Sexual** – a atração emocional, romântica ou sexual em relação a outras pessoas. A orientação sexual de uma pessoa é independente da sua identidade de género. Ser uma pessoa trans ou não binária não implica uma orientação sexual específica. Assim, as pessoas transgénero podem identificar-se como heterossexuais, gays, lésbicas ou bissexuais.

**Transgénero/Trans** – termo abrangente que inclui pessoas cuja identidade de género difere do género atribuído à nascença e ainda por pessoas que desejam tratar a sua identidade de género de uma forma diferente das expectativas com base no género que lhes foi atribuído à nascença. Pode incluir, entre muitos outros, os termos de pessoas transgénero e transexuais, pessoas não-binárias, travestis, *crossdressers*, pessoas agénero, pessoas multigénero, pessoas de género *queer*, intersexo e pessoas de género diverso que se relacionam ou identificam com qualquer termo acima.

## OUTROS TERMOS IMPORTANTES

**AFAN/AMAN** – o acrónimo para ‘atribuído fêmea à nascença’ e ‘atribuído macho à nascença’, respetivamente. Por favor, considere se esta informação é necessária ou relevante para a história antes de a incluir.

**Bloqueadores Hormonais** – medicamento que atrasa ou coloca em pausa os efeitos da puberdade. Podem ser prescritos a jovens trans, ou jovens que questionam o seu género, de forma a atrasar o desenvolvimento de características sexuais secundárias associadas às hormonas sexuais. As alterações não são permanentes e o procedimento começa, tipicamente, por volta dos 10 ou 11 anos, para que a criança (e responsáveis parentais) tenham mais tempo para decidir o seu percurso futuro.

**Cisgénero/Cis** – termo utilizado para descrever pessoas que não são trans. É utilizado no mesmo sentido que heterossexual é usado para descrever alguém não-homossexual.

**Cuidados de Saúde Específicos para pessoas Trans** – (também/previamente referido às cirurgias de reatribuição sexual, cuidados de saúde de afirmação de género) - intervenções



---

médicas, incluindo terapia hormonal, cirurgias e outros procedimentos, para fazer corresponder as características sexuais primárias e secundárias do corpo de uma pessoa à sua auto-percepção interna.

**Despatologização (das identidades trans)** — desclassificar as identidades trans como psicologicamente anormais. As identidades trans deixaram de ser consideradas doença (despatologizadas) em 2019 na Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial da Saúde.

**Destransição** — quando uma pessoa que já fez a transição deixa de procurar cuidados de saúde específicos para pessoa trans ou retorna a viver no género que lhe havia sido atribuído à nascença.<sup>34</sup> As pessoas trans podem ter jornadas muito diversas. Algumas não são lineares ou podem envolver começos e paragens. Muito poucas pessoas fazem a transição e depois decidem voltar a viver no género atribuído à nascença - menos de 1% das que realizaram cirurgia.<sup>27</sup>

**Disforia de Género** — desconforto ou angústia que é causada pela discrepância entre a identidade de género de uma pessoa e o sexo atribuído à nascença dessa mesma pessoa (e o papel de género associado e/ou as características sexuais e secundárias).<sup>35</sup> A disforia de género, apesar de muitas vezes associada a ser-se trans, não é um requisito para se ser trans.

**Intersexo** — pessoas que nascem com características sexuais (anatomia sexual, órgãos reprodutivos, estrutura e/ou níveis hormonais e/ou combinações cromossómicas) que não se enquadram nas definições típicas de macho ou fêmea.<sup>36</sup>

**Misgender (Engano na atribuição do género)** — o ato de atribuir um género a alguém incorretamente (genderizar). Muitas vezes, envolve o uso de palavras genderizadas que não refletem o género com que a pessoa se identifica, ou o uso de pronomes incorretos.

**Feminismo Radical Trans Excludente (TERF)** — também conhecido como “Feminismo Fundamentalista” é uma pequena, mas ruidosa subsecção do feminismo radical. Alguém TERF é uma pessoa feminista radical trans excludente que geralmente se foca na remoção dos direitos trans, proteções legais, acesso à saúde e ambientes sociais de suporte. A sua base de atuação apoia-se no essencialismo biológico - a ideia de que a biologia prevalece sob a cultura e outras influências.

---

**Queer** – previamente usado como termo depreciativo para se referir a pessoas LGBTI, o termo *queer* tem sido reivindicado por pessoas que se identificam com géneros que vão além das categorias de género tradicionais e das normas sociais heteronormativas. Contudo, dependendo do contexto, algumas pessoas podem considerá-lo ofensivo.

**Mulher Trans** – uma mulher que é trans, ou uma mulher que não foi designada fêmea à nascença, mas cuja identidade de género é feminina. “Mulher trans” são duas palavras - trans é o adjetivo usado para descrever a mulher. Torná-la numa só palavra pode ser considerado desrespeitoso e impreciso, pois parece insinuar que uma mulher trans não é realmente uma mulher.

**Nome morto** – o nome dado ou o nome que a pessoa trans já não usa, também referido como “nome atribuído” ou “nome legal”. Nunca há uma boa razão para publicar o nome morto de alguém sem que tenha dado expressa permissão.

**“Terapia de Conversão”** – qualquer ato para tentar modificar a orientação sexual, identidade de género, expressão de género de uma pessoa com base na suposição de que a orientação sexual, identidade de género e expressão de género dessa pessoa é um problema mental e deve ser modificado. É recomendado o uso do termo com aspas.

**Trans Feminina** – termo que muitas vezes se refere a mulheres trans e pessoas não binárias que se identificam mais com o género feminino do que com o atribuído à nascença. Este termo, apesar de ser inclusivo de mulheres trans, não é substituível pelo termo mulher trans.

**Trans Masculino** – termo que muitas vezes se refere a homens trans e pessoas não binárias que se identificam mais com o género masculino do que com o atribuído à nascença. Este termo, apesar de ser mais inclusivo de homens trans, não é substituível pelo termo homens trans.

**Transição** – o processo social, legal e/ou médico que faz corresponder a vida de uma pessoa ao seu género. Este pode (mas nem sempre) incluir a mudança de nome e de pronomes; alterar os seus maneirismos, forma de vestir e falar; atualizar os seus documentos e registos legais; e procurar procedimentos médicos para mudar as características físicas. Revelar que se é trans pode ser parte de, mas não é a mesma coisa que, transicionar. Transicionar é normalmente

---

descrito como um evento singular, apesar de muitas pessoas trans o entenderem como um processo contínuo.

**Transfobia** — o conjunto cultural e pessoal de crenças, opiniões, atitudes e comportamentos agressivos que têm por base o preconceito, nojo, medo e/ou ódio direcionado contra pessoas ou grupos que não se conformam com, ou que transgridem as normas e expectativas de género sociais. A transfobia afeta particularmente pessoas cuja identidade de género ou expressão de género vivida difere do papel de género atribuído a si à nascença, e manifesta-se de diferentes formas, por exemplo, como violência física direta, discursos e insultos transfóbicos, cobertura mediática discriminatória e exclusão social. A transfobia inclui também formas de discriminação institucionais tais como a criminalização, patologização ou estigmatização de identidades de género e expressões de género diversas.

**Transexual** — termo que normalmente se refere a alguém que teve ou que procura cuidados médicos trans específicos. Ainda que, outrora, fosse a palavra dominante para descrever alguém que quer ou procura procedimentos médicos de afirmação de género, atualmente o termo é usado de forma intracomunitária ou por determinado nicho. Há quem o considere um termo desatualizado e ofensivo. Pode ser apropriado incluir o termo quando se referir a matérias históricas, ou se alguém se autodescrever como tal.

## TERMOS A EVITAR

**Não utilizar estes termos a menos que esteja a citar uma fonte trans ou não binária!**

**“Sexo Biológico”** — comum entre a escrita científica como um sinónimo para sexo ao nascimento, sexo natal ou sexo atribuído à nascença. Fora da literatura médica, o termo “atribuído à nascença” é preferível ao termo “sexo biológico”.

Evite usar “biológico” para referir-se a pessoas, em vez disso, use referências mais abrangentes do conceito de sexo biológico. Frases nominais como homens biológicos, machos biológicos, mulheres biológicas, ou fêmeas biológicas são geralmente usadas por grupos anti-trans para mencionar o sexo atribuído à nascença de uma pessoa, como sendo o seu “real” género, em oposição à sua identidade de género.

**“Ideologia de Género”** — refere-se a um termo de significado vazio que consolida a oposição a

---

desenvolvimentos progressistas na sociedade.<sup>24</sup> Os movimentos conservadores têm utilizado extensivamente este termo cunhado pelo Vaticano nos seus esforços para ameaçar as proteções às mulheres e pessoas LGBTI.

**“Identifica-se como”** – tal como em jornalismo ninguém escreve “identifica-se como um homem” ou “identifica-se como uma mulher” para descrever uma pessoa cisgénero, qualquer jornalista não deve escrever “identifica-se como pessoa não-binária” ou “identifica-se como trans” sobre uma pessoa não binária ou trans. Simplesmente mencione que a pessoa é trans, não-binária, homem, mulher, etc. a menos que esteja a citar uma fonte trans.

**“Traveca, Shemale, Crossdresser ou Hermafrodita”** – amplamente considerados como insultos, ainda que algumas pessoas possam usá-los como autoidentificação. Nunca use estes termos a menos que a pessoa especificamente o tenha referido sobre si, e ainda assim, use-os com cuidado, tal como numa citação direta.

**Transgéneros** – “transgénero” é um adjetivo e não deverá ser usado como nome ou como verbo. Isso é amplamente considerado como ofensivo considerado e desatualizado. Não deve ser usado em redação.

**Pós-op./Pré-op.** – termos que descrevem se uma pessoa trans já se submeteu a algumas ou todas as cirurgias de afirmação de género (Pós-operação) ou não (Pré-operação). É importante recordar que nem todas as pessoas trans farão cirurgias e que pessoas trans são trans independentemente de escolherem, ou não, realizar uma transição médica, seja de que forma for.

**Mudança de Sexo/ Troca de Sexo/ “A cirurgia”** – termos que assumem que uma pessoa trans necessita de cirurgia para ser considerada trans, colocando o ênfase em sexos binários (macho/fêmea).

---

# AGRADECIMENTOS

---

Agradecemos a todas as pessoas aliadas, organizações, membros da comunidade e ativistas que contribuíram com a sua energia e tempo para uma sociedade melhor, mais diversa e igualitária.

Acreditamos no poder do jornalismo de qualidade, baseado em factos e ética, e apreciamos o profissionalismo e esforços de todas as pessoas que trabalham em edição, redação e reportagem e que estão informadas sobre as questões trans.

***A TGEU está sempre disponível para providenciar perspectivas e dados sólidos informados pelas comunidades. Sinta-se livre para nos contactar para [comms@tgeu.org](mailto:comms@tgeu.org).***

## **Especiais agradecimentos a:**

Lukas Berredo, Io Dodds, Beka Gabadadze, Dr. Lucy Jones, Ari Kajtezović, Cleo Madeleine, Saskhia Menendez, Dr. Nicole Morse, Ana Munoz Padros, Dr. David Peterson, Kae Petrin, TGEU Staff and Board Members, and Mina Tolu.

---

# REFERÊNCIAS

---

1. Williams, W. L. (1986). *The Spirit and the Flesh: Sexual Diversity in American Indian Culture*. Beacon Press.
2. Schmidt, J. (2001). *Fa'afafine: Western Discourses and the Construction of Transgenderism in Samoa*. *Intersections: Gender, History and Culture in the Asian Context*, Issue 6. [intersections.anu.edu.au/issue6/schmidt.html](http://intersections.anu.edu.au/issue6/schmidt.html)
3. Wekker, G. (2016). *White Innocence: Paradoxes of Colonialism and Race*. Duke University Press.
4. European Commission. (2019). *Eurobarometer on Discrimination 2019: The social acceptance of LGBTI people in the EU*. [commission.europa.eu/system/files/2019-10/ebs\\_493\\_data\\_fact\\_lgbti\\_eu\\_en-1.pdf](http://commission.europa.eu/system/files/2019-10/ebs_493_data_fact_lgbti_eu_en-1.pdf)
5. ILGA-Europe (2022). *Guidelines for journalists*. [ilga-europe.org/files/uploads/2022/09/ILGA-Europe-Guidelines-for-Journalists-2022-3.pdf](http://ilga-europe.org/files/uploads/2022/09/ILGA-Europe-Guidelines-for-Journalists-2022-3.pdf)
6. Oxford English Dictionary. (2016). "they, pron., adj., adv., n.". Oxford University Press. [doi.org/10.1093/OED/1194337021](https://doi.org/10.1093/OED/1194337021)
7. Trans Journalists Association. (2023). *Stylebook and Coverage Guide*. <https://styleguide.transjournalists.org/>
8. Council of Europe. (nd). *Sexual Orientation and Gender Identity*. [www.coe.int/en/web/sogi](http://www.coe.int/en/web/sogi)
9. European Commission. (2020). *Union of Equality: LGBTIQ Equality Strategy 2020-2025*. [eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/HTML/?uri=CELEX:52020DC0698](http://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/HTML/?uri=CELEX:52020DC0698)
10. European Union Agency for Fundamental Rights. (2020). *A long way to go for LGBTI equality*. Publications Office of the European Union. [fra.europa.eu/sites/default/files/fra\\_uploads/fra-2020-lgbti-equality-1\\_en.pdf](http://fra.europa.eu/sites/default/files/fra_uploads/fra-2020-lgbti-equality-1_en.pdf)

- 
11. (nd). "We're being pressured into sex by some trans women." Wikipedia. [en.wikipedia.org/wiki/"We%27re\\_being\\_pressured\\_into\\_sex\\_by\\_some\\_trans\\_women"](https://en.wikipedia.org/wiki/We%27re_being_pressured_into_sex_by_some_trans_women)
  12. TGEU. (2023). *Trans Rights Map*. [transrightsmap.tgeu.org/home/](https://transrightsmap.tgeu.org/home/)
  13. (2022). *European Parliament resolution of 6 July 2022 on intersectional discrimination in the European Union: the socio-economic situation of women of African, Middle-Eastern, Latin-American and Asian descent*. [www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-9-2022-0289\\_EN.html](https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-9-2022-0289_EN.html)
  14. Parliamentary Assembly. (2015). *Discrimination against transgender people in Europe*. [assembly.coe.int/nw/xml/XRef/Xref-XML2HTML-en.asp?fileid=21736](https://assembly.coe.int/nw/xml/XRef/Xref-XML2HTML-en.asp?fileid=21736)
  15. Muižnieks, Nils. (2014). *LGBTI children have the right to safety and equality*. [www.coe.int/en/web/commissioner/blog/-/asset\\_publisher/xZ32OPEoxOkq/content/lgbti-children-have-the-right-to-safety-and-equality?\\_101\\_INSTANCE\\_xZ32OPEoxOkq\\_languageId=fr\\_FR](https://www.coe.int/en/web/commissioner/blog/-/asset_publisher/xZ32OPEoxOkq/content/lgbti-children-have-the-right-to-safety-and-equality?_101_INSTANCE_xZ32OPEoxOkq_languageId=fr_FR)
  16. WHO. (2019/1021). *International Classification of Diseases, Eleventh Revision (ICD-11)*. World Health Organization. [icd.who.int/en](https://icd.who.int/en)
  17. Russell, Cianán B., Francesca Sanders, Freya Watkins. (2023). *Intersections: Diving into the FRA LGBTI II Survey Data: Trans and Non-Binary Briefing*. TGEU. [tgeu.org/wp-content/uploads/2023/07/Intersections-Report-Trans-Corrections.pdf](https://tgeu.org/wp-content/uploads/2023/07/Intersections-Report-Trans-Corrections.pdf)
  18. Coleman, E., A. E. Radix, W.P. Bouman, et al. (2022). *Standards of Care for the Health of Transgender and Gender Diverse People, Version 8*. *International Journal of Transgender Health*. [www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/26895269.2022.2100644](https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/26895269.2022.2100644)
  19. TGEU. (2022). *Trans Murder Monitoring*. <https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/>
  20. Lang, Nico. (2017). *A 'disgusting slap in the face': Reporters must stop misgendering trans murder victims*. *Columbia Journalism Review*. [www.cjr.org/criticism/transgender-murders-news-journalism.php](https://www.cjr.org/criticism/transgender-murders-news-journalism.php)
  21. Balingit, Moriah, Lecia Brooks, Tara Rosenblum, et al. (2021). *Video: Hate crime coverage – How journalists can get it right*. Journalism Institute. [www.pressclubinstitute.org/event/hate-crime-coverage-how-journalists-can-get-it-right/](https://www.pressclubinstitute.org/event/hate-crime-coverage-how-journalists-can-get-it-right/)

- 
22. (2015). *A Map of Gender-Diverse Cultures*. PBS. [www.pbs.org/independentlens/content/two-spirits\\_map-html/](http://www.pbs.org/independentlens/content/two-spirits_map-html/)
  23. Flores, Andre, PhD., Ilan Meyer, PhD., Lynn L. Langton, PhD., et al. (2021). *Gender Identity Disparities in Criminal Victimization: National Crime Victimization Survey, 2017-2018*. American Journal of Public Health.
  24. GATE, ILGA-Europe, TGEU. (2021). *Trans Rights are Human Rights: Dismantling misconceptions about gender, gender identity, and the human rights of trans people*. TGEU. [tgeu.org/wp-content/uploads/2023/05/dismantling-misconceptions-about-gender-and-trans-rights-en.pdf](http://tgeu.org/wp-content/uploads/2023/05/dismantling-misconceptions-about-gender-and-trans-rights-en.pdf)
  25. Richard Köhler. (2022). *Self-determination models in Europe: Practical experiences*. TGEU. [tgeu.org/wp-content/uploads/2022/11/tgeu-self-determination-models-in-europe-2022-en.pdf](http://tgeu.org/wp-content/uploads/2022/11/tgeu-self-determination-models-in-europe-2022-en.pdf)
  26. (nd). *Bodily Autonomy & Integrity*. United Nations. [www.ohchr.org/sites/default/files/2021-11/Summary-Bodily-Autonomy-Integrity.pdf](http://www.ohchr.org/sites/default/files/2021-11/Summary-Bodily-Autonomy-Integrity.pdf)
  27. (nd). *What is gender-based violence?* Council of Europe. [www.coe.int/en/web/gender-matters/what-is-gender-based-violence#:~:text=Gender-based%20violence%20and%20violence,based%20violence%20affects%20women%20disproportionately](http://www.coe.int/en/web/gender-matters/what-is-gender-based-violence#:~:text=Gender-based%20violence%20and%20violence,based%20violence%20affects%20women%20disproportionately).
  28. Arayasirikul, Sean, Caitlin Turner, Dillion Trujillo, et al. (2022). *A global cautionary tale: discrimination and violence against trans women worsen despite investment in public resources and improvements in health insurance access and utilization of health care*. International Journal for Equity in Health. [10.1186/s12939-022-01632-5](https://doi.org/10.1186/s12939-022-01632-5)
  29. Yandell, Kate. (2023). *Young Children Do Not Receive Medical Gender Transition Treatment*. FactCheck.org. [www.factcheck.org/2023/05/scicheck-young-children-do-not-receive-medical-gender-transition-treatment/](http://www.factcheck.org/2023/05/scicheck-young-children-do-not-receive-medical-gender-transition-treatment/)
  30. Clark, Beth A., Sheila K. Marshall, Elizabeth M. Saewyc. (2020). *Hormone therapy decision-making processes: Transgender youth and parents*. Journal of Adolescence, vol. [doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.12.016](https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.12.016)
  31. Chen, Diane, PhD, Johnny Berona, PhD, Yee-Ming Chan, M.D., et al. (2023). *Psychosocial Functioning in Transgender Youth after 2 Years of Hormones*. The New England Journal of Medicine. [doi.org/10.1056/NEJMoa2206297](https://doi.org/10.1056/NEJMoa2206297)



- 
32. Johnson, Kelly C., Allen J. LeBlanc, Paul R. Sterzing, et al. (2020). *Trans adolescents' perceptions and experiences of their parents' supportive and rejecting behaviors*. *J Couns Psychol*. [doi.org/10.1037/cou0000419](https://doi.org/10.1037/cou0000419)
  33. (2023). *Puberty blockers for transgender and gender-diverse youth*. Mayo Clinic. [www.mayoclinic.org/diseases-conditions/gender-dysphoria/in-depth/pubertal-blockers/art-20459075](https://www.mayoclinic.org/diseases-conditions/gender-dysphoria/in-depth/pubertal-blockers/art-20459075)
  34. (2021). *Detransition Facts and Statistics 2022: Exploding the Myths Around Detransition*. GenderGP. [www.gendergp.com/dettransition-facts/](https://www.gendergp.com/dettransition-facts/)
  35. Amaddeo, Francesco, Valeria Donisi, Francesco Farinella, et al. (2018). *Reducing health inequalities experienced by LGBTI people: what is your role as a health professional?* European Commission. [eurohealthnet.eu/wp-content/uploads/documents/2018/180301\\_Project\\_Health4LGBTI\\_training-module-4.pdf](https://eurohealthnet.eu/wp-content/uploads/documents/2018/180301_Project_Health4LGBTI_training-module-4.pdf)
  36. Ghattas, Dan Christian. (nd). *Protecting Intersex People in Europe: A Toolkit for Law and Policymakers*. OII Europe. [www.oiiurope.org/wp-content/uploads/2019/05/Protecting\\_intersex\\_in\\_Europe\\_toolkit.pdf](https://www.oiiurope.org/wp-content/uploads/2019/05/Protecting_intersex_in_Europe_toolkit.pdf)
  37. **Indianarae Siqueira sobre o termo transvestigênera, em Campanha de Mulher**
  38. Anzaldúa, G. (1987). *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books.
  39. Hooks, b. (1994). *Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom* (p. 12). New York: Routledge.
  40. Villada, C. S. (2022). *As Malditas* (pp. 11-13). Lisboa: BCF Editores. (Trabalho original publicado em 2019).
  41. Spivak, G. C. (1988). *Can the Subaltern Speak?* In C. Nelson & L. Grossberg (Eds.), *Marxism and the Interpretation of Culture* (pp. 271-313). Urbana: University of Illinois Press.
  42. Stryker, S., & Whittle, S. (Eds.). (2006). *The Transgender Studies Reader* (pp. 11-12). New York: Routledge.



***A TGEU (Transgender Europe) é uma ONG liderada por pessoas trans, que luta pelos direitos e bem-estar das pessoas trans. A TGEU representa 215 organizações associadas em 50 países na Europa e Ásia Central.***

*Para mais publicações e notícias sobre o bem-estar e direitos das pessoas trans:*

